

A CRÍTICA DA ARTE EM HEGEL E A DEFESA DA LITERATURA EM BEAUVOIR

ART CRITICISM IN HEGEL AND BEAUVOIR'S DEFENSE OF LITERATURE

Nathália Cristina Medeiros Maia¹

RESUMO: Apresentar uma análise concernente à obsolescência da arte na visão de Friedrich Hegel, a partir de sua teoria estética e da sua crítica à literatura romancista. Evidenciar a reflexão sobre a contemporaneidade da arte literária e romanesca, na perspectiva de Simone de Beauvoir, que defende a compatibilidade entre filosofia e literatura. Enquanto o pensador idealista enaltece a filosofia e a religião, a fim de as sobrepôr à arte, a pensadora existencialista considera que a manifestação artística da modernidade - especialmente, o romance - é tão importante como o pensamento. Nesse sentido, este artigo visa evidenciar a defesa de Beauvoir à ação criativa, em relação ao posicionamento contrário de Hegel sobre as artes modernas, principalmente aquelas de caráter romanesco. Por fim propõe-se criar uma síntese dialética entre o sensível e o inteligível, o sentir e o pensar, a subjetividade e a objetividade, a razão e a emoção, de maneira a manifestar uma aproximação entre o essencial e o aparente, sem separar a relevância da conexão que há entre os fenômenos e o Espírito Absoluto.

Palavras-chave: Estética Filosófica; Filosofia Moderna; Literatura; Filosofia Contemporânea.

ABSTRACT: To present an analysis concerning the obsolescence of art in Friedrich Hegel's view, based on his aesthetic theory and on his criticism of novelist literature. To highlight the reflection on the contemporaneity of literary and novel art from the perspective of Simone de Beauvoir, who defends the compatibility between philosophy and literature. While the idealist thinker exalts philosophy and religion in order to superimpose them over art, the existentialist thinker considers that the artistic manifestation of modernity - especially, the novel - is as important as thought. In this sense, this article aims to highlight Beauvoir's defense of creative action, in relation to Hegel's contrary position on modern arts, especially those of a romanesque character. Finally, it is proposed to create a dialectical synthesis between the sensitive and the intelligible, feeling and thinking, subjectivity and objectivity, reason and emotion, in order to manifest an approximation between the

¹ Psicanalista pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. Graduada em Filosofia pela UFRN, . E-mail: nathalia-cristina1999@live.com



essential and the apparent, without separating the relevance of the connection that exists between the phenomena and the Absolute Spirit.

Keywords: Philosophical Aesthetics; Modern Philosophy; Literature; Contemporary Philosophy.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo está dividido em quatro partes, isto é, apresenta considerações iniciais, duas partes de desenvolvimento e considerações finais. O texto trata enfaticamente sobre duas reflexões antagônicas no campo da estética filosófica, a saber: a obsolescência da arte em Friedrich Hegel (1770 - 1831) e a defesa da arte literária em Simone de Beauvoir (1908 - 1986).

Por um lado, este trabalho pretende desenvolver uma análise dos *Cursos de Estética* (1999) de Hegel, de modo a enfatizar sobre uma possível crítica da arte moderna, e especialmente, dos romances da época, que foram considerados pelo filósofo alemão como sobrepujados pelo espírito do pensamento moderno ou do idealismo, que principia com mais vigor entre meados dos séculos XVIII e XIX.

De maneira objetiva, podemos dizer que os *Cursos de Estética* ministrados por Hegel se dividem em três etapas. Na primeira etapa, o filósofo busca tratar sobre as pesquisas referentes à beleza artística e, a idealização com os fenômenos naturais, ou seja, com assimilações específicas do mundo fenomenológico. Na segunda etapa, Hegel começa a distinguir a compreensão inteligível sobre arte, segundo os três movimentos que serão analisados pelo autor, tais como: a manifestação simbólica da arte, o classicismo e o romantismo. Na terceira e última etapa, o autor pensa sobre a elaboração sistemática das produções artísticas, a partir de um idealismo diretor do sistema artístico. Porém, a finalidade deste artigo não é detalhar a fundo acerca de cada uma dessas etapas, mas sim compreender de que modo, em linhas gerais, a visão hegeliana considera a obsolescência ou o fim da arte, sob a perspectiva dialética da sua teoria estética.

São notáveis as contribuições que Hegel trouxe para o pensamento moderno e para o Idealismo Alemão, principalmente através da sua célebre obra *A Fenomenologia do Espírito* (1807), que mais tarde teria influenciado grandes pensadores, como por exemplo: Ludwig Feuerbach (1804 - 1872), Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), Martin Heidegger (1889 - 1976), Gilles

Deleuze (1925 - 1995), Michel Foucault (1926 - 1984) e até mesmo Simone de Beauvoir, apesar das divergências existentes entre muitos desses autores.

A estética hegeliana é considerada por alguns pesquisadores como uma possível “ciência artística” ou uma “filosofia das belas artes”, com foco no conteúdo filosófico e religioso, sobre o qual diz respeito ao Espírito Absoluto. Nesse sentido, a arte divina é pensada por Hegel como a própria manifestação espiritual. A realização artística passa a ser compreendida como um certo tipo de estágio intermediário entre o mundo natural e o espírito. No entanto, para o filósofo idealista, na Modernidade, a arte teria se tornado “coisa do passado”, pois as expressões criativas passaram a ser consideradas pelo autor como distantes da tradição racional e divina, tal como eram prezadas na Antiguidade grega e oriental.

Por outro lado, este texto visa expor uma possível crítica de Simone de Beauvoir à estética hegeliana, uma vez que ela irá se contrapor à visão filosófica que desconsidera a relevância das manifestações artísticas da modernidade, e principalmente, daquelas de caráter literário. Beauvoir defende a arte moderna, na medida em que também propõe criar uma literatura metafísica, através da sua autêntica linguagem reflexiva e poética, sobre a qual não separa o ser do fazer e vice-versa. Para a pensadora existencialista, a arte e, mais especificamente, os romances literários da modernidade em geral serão percebidos não apenas como manifestação dos sentidos, mas também, como uma forma de materializar pensamentos, emoções, sentimentos, intuições, de maneira artística, sobre questões que podem estar além do sensível.

Assim, ao analisar as duas perspectivas filosóficas, ainda que sejam antagônicas entre si, as respectivas teorias estéticas serão importantes para que se possa construir uma análise crítica que tem como objetivo propor uma certa complementaridade de ideias, e não uma total separação das influências que lhe dizem respeito. Portanto, no decorrer dos tópicos de desenvolvimento a seguir, será feita uma investigação conceitual sobre a obsolescência da arte em Hegel e, por conseguinte, a ideia de Beauvoir será exposta, a fim de se estabelecer uma defesa da arte literária, e especificamente, dos romances da

modernidade, para que se torne possível concluir uma certa superação das dicotomias aqui tratadas.

1. A OBSOLESCÊNCIA DA ARTE NA COSMOVISÃO HEGELIANA

Nos *Cursos de Estética*, Hegel reconhece a importância da bela arte na Antiguidade, quando ela está associada à filosofia e à religião, bem como quando aparece objetivamente e passa a ser concebida na consciência humana, na medida em que a sua tarefa se eleva ao ponto de ser capaz de fazer com que a humanidade busque exprimir os seus interesses mais aprofundados em relação à procura por uma compreensão acerca das revelações que dizem respeito ao espírito.

Na visão de Hegel, embora a arte não seja essencialmente superior aos pensamentos filosóficos e religiosos, ainda assim ela é considerada como um tipo de prática capaz de conceber à humanidade um certo modo de aproximação sensível em relação às compreensões sobre o espírito. De acordo com essa reflexão sobre a estética hegeliana, Cilene Nascimento Canda faz a seguinte análise: “Ao ampliar o conceito de arte e valorizar este campo de estudo e de criação, o filósofo coloca a arte como possibilidade de elevação do espírito, tanto no processo de criação, quanto no ato de contemplação da obra artística” (2010, p. 71). É através da busca pela correspondência desse significado superior que a manifestação da sensibilidade artística visa conhecer o que realmente é ser humano. Nas palavras de Hegel:

A bela arte é, pois, apenas nesta sua liberdade verdadeira arte e leva a termo a sua mais alta tarefa quando se situa na mesma esfera da religião e da filosofia e torna-se apenas um modo de trazer à consciência e exprimir o divino [*das Göttliche*], os interesses mais profundos da humanidade, as verdades mais abrangentes do espírito. Os povos depositaram nas obras de arte as suas intuições interiores e representações mais substanciais, sendo que para a compreensão da sabedoria e da religião a bela arte é muitas vezes a chave - para muitos povos inclusive a única (HEGEL, 1999, p. 32).

Assim, a perspectiva hegeliana considera a arte um tipo de manifestação da cultura humana que é capaz de se conectar com o Espírito Absoluto, de modo a exteriorizar a experiência espiritual, conforme as visões, as sensações e os pensamentos que são captados pelo artista, antes e durante os seus processos

de expressão criativa. É importante evidenciar que, possivelmente, a arte é entendida pelo filósofo alemão como uma prática que possui a potencialidade de materializar as vivências inteligíveis e também metafísicas que são exploradas através das crenças místicas e filosóficas do criador da obra de arte. Para Hegel, a arte se revela de modo sensível e aparente, porém a manifestação artística não se reduz à sensibilidade e à aparência, uma vez que a arte tem a capacidade de superar o seu próprio aparecimento. Diante desse prisma, Canda expressa tal ponto de vista: “Com isso, Hegel afirma que a satisfação dos apetites humanos, por meio da experiência estética, enquanto catarse, eleva o espírito humano no exercício da liberdade” (2010, p. 9). Conforme Hegel, a prática artística é considerada superior quando os desejos e inquietações humanas passam a ser suprimidos pelo fenômeno estético que visa se emancipar das fragilidades humanas de modo a se unificar com o divino.

De acordo com a cosmovisão de Friedrich Hegel, a arte é considerada de uma ordem mais elevada quando possui a influência das ideias e do misticismo, ainda que seja diferente desses últimos, ela passa a se aproximar e a criar afinidade com a tradição do pensamento e dos dogmas religiosos, sob um distinto modo de expressão, determinado a partir da capacidade artística de manifestar a aparência da essência, isto é, de materializar visões advindas da experiência imaterial relacionada ao Espírito Absoluto. Sobre essa reflexão, Hegel escreve o seguinte: “Esta determinação a arte possui em comum com a religião e a filosofia, mas de um modo peculiar, pois expõe sensivelmente o que é superior e assim o aproxima da maneira de aparecer da natureza, dos sentidos e da sensação [*Empfindung*]” (1999, p. 32). Assim, a criação do artista inspirada na inteligibilidade e também na espiritualidade, tende a expor na esfera sensível o que é de valor supremo, e dessa forma, torna-se possível realizar obras de arte que além de se relacionarem com a sensibilidade e a percepção humana, também se relacionam com os fenômenos que estão ligados ao horizonte metafísico. Nesse sentido, o filósofo idealista considera o seguinte:

Por isso, a *aparência* em geral não pode ser objeto de censura, mas somente o modo particular de aparecer segundo o qual a arte dá efetividade ao que é verdadeiro em si mesmo. Esta censura adquire um sentido, porém, se a aparência pela qual a arte leva suas concepções à existência for determinada como *ilusão* e se, neste

contexto, for confrontada com o *mundo exterior* dos fenômenos e de sua materialidade imediata, bem como com nosso próprio mundo dos sentidos, o *mundo interior sensível* (HEGEL, 1999, p. 33).

Na medida em que as compreensões verdadeiras concebidas pelo aspecto aparente acerca da própria manifestação passa a aparecer para si própria, para o outro e para o espírito em um sentido absoluto, a perspectiva hegeliana entende que a aparência é necessária para a essência. Diz Hegel (1999, p. 33): “a própria aparência é essencial para a essência; a verdade nada seria se não se tornasse aparente e aparecesse, se não fosse para alguém, para si mesma como também para o espírito em geral”. Por esse motivo, a aparência sensível do objeto da arte torna a sua Forma efetiva na medida em que manifesta a sua própria verdade. A obra de arte passa a designar o seu significado quando se revela de modo perceptível aos nossos sentidos, mas a potência do espírito artístico não se restringe ao que simplesmente aparece sensivelmente.

Entretanto, Hegel critica fortemente a presunção estética e metafísica da arte sob uma perspectiva subjetiva do belo, assim como também critica a posição romântica, mais especificamente, a do romantismo alemão que defende a arte como superior à filosofia e como o meio mais elevado de se atingir a verdade acerca das coisas. Sobre a compreensão hegeliana acerca da arte moderna, Raul Souza e Robinson dos Santos consideram o seguinte: “No mundo moderno - nos diz Hegel - se esvaneceu o contato fenomenológico e direto com a produção artística, porém esta não ficou alheia a este ‘caráter do passado’, incorporando procedimentos mais apurados e outras dimensões de realização” (2018, p. 16). Na visão hegeliana, a arte, tanto em seu conteúdo quanto em sua Forma, não é mais elevada que a razão e as ciências do espírito, pois a forma oriunda da manifestação artística se limita a um certo tipo de conteúdo, de modo a tornar a sua verdade limitada. Ao retomar a reflexão sobre a obsolescência da arte na teoria do filósofo idealista, Charles Feitosa faz esta análise: “Para Hegel a evolução da arte na história tende para seu próprio esgotamento. Se a obra de arte é uma unidade entre o inteligível e o sensível, por outro lado, essa não é uma unidade adequada” (2007, p. 61-62). A atividade estética no sentido atribuído aqui, atenta para a ideia da correlação entre a sensibilidade artística e a faculdade da razão, na medida em que é considerada

uma perspectiva evolutiva da criação artística como sendo o motivo do seu fim, bem como, o rompimento da aproximação entre o fazer criativo e a racionalidade filosófica. Diz Hegel:

Ao atribuímos à arte esta mais alta posição, devemos, entretanto, lembrar que ela não é, seja quanto ao conteúdo seja quanto à Forma, o modo mais alto e absoluto de tornar conscientes os verdadeiros interesses do espírito. Pois justamente a sua Forma já restringe a um determinado conteúdo. Somente um certo círculo e estágio da verdade pode ser exposto no elemento da obra de arte. Para ser autêntico conteúdo da arte, a verdade ainda deve possuir determinação de poder transitar para o sensível e de poder nele ser adequada a si, como é o caso, por exemplo, dos deuses gregos (1999, p. 34).

8

Segundo Friedrich Hegel, a criação artística, tanto enquanto conteúdo, como enquanto forma, não é considerada a maneira mais elevada de compreender as reais necessidades do Espírito Absoluto. Nesse sentido, o filósofo idealista considera que a arte expõe apenas uma parte do que é pensado como verdadeiro. Sobre a superação do espírito da faculdade racional e da mística em relação à arte, podemos citar como referência Darice Zanardini, sobre o que diz respeito ao fim da arte na teoria estética hegeliana, a saber: “Hegel, de uma forma ‘modesta’, considera que a espiritualidade atinge seu apogeu com sua própria filosofia, uma vez que seu sistema, onde se exprime no mais alto ponto a significação filosófica por excelência, acaba por coincidir com o fim da Arte” (2010, p. 538). Portanto, quando a obra de arte está associada à filosofia, à religião e ao misticismo, se torna autêntica e tende a contribuir com a realização dos atributos sensíveis e, a se adequar em relação a si mesma, de maneira a manifestar o entendimento acerca da divindade através dos sentidos e, também, de modo a possibilitar uma determinada aparição do conteúdo que diz respeito ao espírito.

Diante desse viés, é possível identificar uma certa distinção, de caráter hierárquico acerca do pensamento e da religiosidade, em comparação com a manifestação artística, tal como o pesquisador Fábio Caires Correia comenta através desta passagem: “Estabelece-se, portanto, uma hierarquia entre as formas de apresentação da verdade. Dentro desta hierarquia a arte ocupa o grau menor” (2017, p. 6). Na visão de Hegel, a atividade estética será

reconhecida como um patamar inferior no que se refere à verdadeira compreensão sobre os fenômenos que dizem respeito ao Espírito.

Nesse sentido, a manifestação artística passa a ser considerada por Hegel como menor ao se comparar com as reflexões filosóficas e religiosas, embora a arte seja pensada pelo filósofo como a base que constitui as revelações sensíveis acerca das compreensões sobre o que está além do sensível. Sobre essa reflexão, Claudinei Cássio de Rezende considera o seguinte: “A ideia do belo no sistema filosófico hegeliano será, assim, historicizada, e a arte conservará o estatuto de apresentação de seus diferentes momentos numa forma sensível, e como tal, de magnitude inferior que a filosofia” (2009, p. 15). O filósofo alemão considera que, na modernidade, o espírito da capacidade racional e o espírito da religião se sobre-elevaram em relação à arte. Escreve Hegel (1999, p. 34): “O pensamento e a reflexão sobrepujaram a bela arte”. A arte passa a ser considerada ultrapassada pelo aprimoramento dos conhecimentos superiores referentes à razão, os quais atribuem conceitos inteligíveis capazes de atender a mais alta necessidade humana sobre o que diz respeito às dimensões suprassensíveis abarcadas pelo Espírito Absoluto. Como pode-se evidenciar nesta parte:

Mas sobretudo o espírito do mundo atual, ou melhor, o espírito de nossa religião e de nossa formação racional se mostra como tendo ultrapassado o estágio no qual a arte constitui o modo mais alto do absoluto se tornar consciente. O caráter peculiar da produção artística e de suas obras já não satisfaz nossa mais alta necessidade (HEGEL, 1999, p. 34).

Sobre essa perspectiva do fim da arte devido à desconexão com o pensamento e a espiritualidade, escrevem Raul Salomão de Souza e Robinson dos Santos (2018, p. 16): “Com efeito, o fim da arte implica principalmente o abandono do conceito de obra, a arte na época moderna não possui mais sua relação de dependência com a religião e adentra no campo da contingência”. Em outras palavras, a obsolescência da arte passa a ser definida por Hegel no momento em que as expressões artísticas da modernidade perdem a ligação com a

religiosidade, e por esse motivo, caracteriza-se como se fosse algo não aprofundado, superficial e circunstancial.

Em síntese é possível evidenciar a obsolescência da arte na visão hegeliana, dado que as produções artísticas já não suprimem mais a carência humana em relação à busca pelo alcance do conhecimento referente ao Espírito Absoluto, visto que para o filósofo, as artes carregam consigo paixões e interesses particulares que se restringem a satisfazer as pretensões individuais, em relação aos desejos subjetivos conferidos na esfera sensível. Diante desse prisma, Hegel considera que a arte cumpre a sua função fundamental na Antiguidade das tradições humanas, quando a realização artística está associada à cultura religiosa. Porém, nos tempos modernos, a obra de arte passa a ser considerada pelo pensador como coisa do passado, uma vez que ela passa a perder o seu valor essencial, frente a cultura do pensamento que se inicia na modernidade.

10

2. A DEFESA DA ARTE NA PERSPECTIVA DE BEAUVOIR

Em *O Existencialismo e a Sabedoria das Nações*, mais especificamente, no capítulo sobre *Literatura e Metafísica*, Simone de Beauvoir considera que, por um lado, há autores que buscam erguer barreiras separatistas em relação à filosofia e à literatura, e também no que diz respeito ao aspecto sensível e inteligível. Por outro lado, ela considera a existência dos escritores que desde muito tempo procuram exprimir a importância da arte literária juntamente com o pensamento, ao passo que também se identifica com os últimos, devido a busca destes por uma conciliação do caráter subjetivo dos sentimentos e das emoções em relação ao caráter objetivo da filosofia. Nas palavras de Beauvoir:

Penso que todos os espíritos que são sensíveis, ao mesmo tempo às seduções da ficção e ao rigor do pensamento filosófico conheceram mais ou menos esta perturbação; pois, ao fim e ao cabo, só há uma realidade; é no seio do mundo que pensamos o mundo. Se alguns escritores escolheram reter apenas um desses dois aspectos da nossa condição, erguendo assim barreiras entre a literatura e a filosofia, outros, pelo contrário, procuraram desde há muito exprimi-lo na sua totalidade (1965, p. 79-80).

A filósofa existencialista pensa que no mundo real o sentido de um determinado objeto não é meramente uma conceituação, apreendida pelo entendimento,

mas que é o objeto possuidor de uma relação com cada ser humano, através das ações, das emoções e dos sentimentos. Nesse sentido, Beauvoir defende que o bom romance possibilita a realização de circunstâncias empíricas muito abrangentes e inquietantes, de modo semelhante às nossas vivências cotidianas. Na perspectiva dela, o leitor do romance passa então a se questionar sobre os acontecimentos sucedidos na literatura, bem como passa a ter um certo posicionamento crítico na medida em que começa a duvidar, interrogar e a manifestar o seu pensamento de maneira cada vez mais enriquecida, de modo a aproximar os aspectos artísticos e reflexivos da literatura às experiências da vida. De acordo com Pedro Ravhel Teixeira (2017, p. 511): “Sendo então coisas distintas, uma vez que exercem influência sobre atividades e faculdades distintas, a saber pensamento e imaginação, as categorias não se sobrepõem ou se hierarquizam, e sim coexistem”. Embora os conceitos de filosofia e literatura sejam diferenciados e possam ser tratados em diferentes contextos, ainda assim é possível propor uma nova forma de compreensão acerca desses termos, de modo a relacioná-los, no lugar de desintegrar as suas aproximações, visto que o aspecto reflexivo pode se acrescentar ao aspecto criativo e imaginário, assim como vice-versa, na medida em que ambos podem existir conjuntamente.

Simone de Beauvoir vai se opor à filosofia que considera a arte literária uma mera ficção desvinculada da realidade, pois conforme a autora existencialista, tanto o pensamento literário, como também o pensar filosófico, ambos envolvem conjuntamente a possibilidade de aprimorarmos os nossos sentidos, as nossas percepções, reflexões e a própria existência, através da manifestação artística. Sobre isso, Beauvoir escreve o seguinte:

Ser-se-á então tentado a levantar uma primeira objeção contra o que se chama com frequência a intrusão da filosofia no romance: qualquer ideia muito clara, qualquer tese, qualquer doutrina que se tentasse elaborar através de uma ficção destruiriam nela imediatamente o seu efeito, pois denunciariam o autor e fariam-na aparecer, ao mesmo tempo, como ficção. Mas este argumento não é inteiramente decisivo; é tudo uma questão de destreza, de tato, de arte. (1965, p. 82-83).

A pensadora existencialista irá se opor à uma possível invasão da filosofia nos romances, pois se a literatura tivesse um caráter meramente filosófico, então ela estaria apenas preocupada com o teor racional e objetivo dos seus efeitos

conceituais e teóricos, de tal maneira que a arte literária seria tratada como mera ficção da realidade, mas não a realidade em si sob uma perspectiva originalmente mais abrangente, traduzida de forma artística.

Para Simone, o verdadeiro romance não se reduz às fórmulas prontas e limitadas, nem se pode destacar o seu sentido de uma forma definitiva. Apesar de serem elaborados por meio de palavras, ainda assim, os romances possuem a capacidade de ir além das palavras e do discurso em geral. Como por exemplo podemos evidenciar nesta passagem de Beauvoir (1965, p. 82): “Um verdadeiro romance não se deixa, portanto, reduzir a fórmulas, nem mesmo relatar; não podemos destacar o seu sentido como não podemos isolar um sorriso de um rosto”. A real arte romanesca tem de se revestir do que ressalta a sua importância e a sua dignidade tanto para o autor, como para o leitor, de modo a levá-los em direção a uma revelação ou a uma descoberta viva, capaz de iluminar os pensamentos, os sentimentos, as emoções e as ações correspondentes. Na cosmovisão da filósofa contemporânea, a arte envolve a experiência singular da qual possui a sua própria origem:

Se a leitura fosse apenas um divertimento gratuito poderia situar-se o debate no plano técnico; mas se se deseja ser apanhado por um romance, não é apenas para matar algumas horas, espera-se vimo-lo, superar no plano imaginário os limites sempre muito estreitos da experiência realmente vivida. Ora isso exige que o romancista participe ele próprio nessa investigação para a qual convida o leitor: se prevê de antemão as conclusões a que ela deve levar, se faz indiscretamente pressão sobre ele para lhe arrancar a sua adesão a teses pré-estabelecidas, se apenas lhe concede uma ilusão de liberdade, então a obra literária não passa de uma mistificação incongruente; o romance só se reveste do seu valor e da sua dignidade quando constitui para o autor como para o leitor uma descoberta viva (BEAUVOIR, 1965, p. 83-84).

Beauvoir relaciona o romance com a metafísica e diz que essa última não é um sistema em que se implementa um “fazer” como por exemplo ocorre nas ciências matemáticas e físicas quando visam executar alguma tarefa; mas que “fazer” metafísica é na verdade “ser” metafísico, dado que a ação metafísica deve se realizar em si mesma, bem como deve se colocar diante da totalidade do mundo. Conforme a autora diz no seguinte fragmento: “Na realidade, ‘fazer’ metafísica é ser metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo” (BEAUVOIR, 1965,

p. 87). Nessa perspectiva, o ser metafísico revela a si próprio, ao passo que também se revela para o sentido absoluto. Sobre essa aproximação da literatura com a metafísica, escreve Eduardo Pellejero (2019, p. 149): “A literatura tem essa potência: a potência de colocar o leitor em face da totalidade do mundo - que é o que define a metafísica, segundo Beauvoir, não como sistema, mas como momento da consciência reflexiva”. Através da leitura literária e também metafísica, o sujeito torna-se capaz de transcender os limites da dimensão objetiva, de maneira a ir em direção a um sentido abrangente a respeito da realidade, com o objetivo de aprimorar a compreensão sobre os acontecimentos do mundo e também para além do planeta.

Nesse ínterim, Simone ainda considera que na teoria hegeliana, quando o Espírito está prestes a se cumprir, é preciso que haja em algum grau uma determinada manifestação sensível ou carnal que possa servir como ilustração da aventura espiritual pensada por Hegel. A filósofa ainda evidencia as referências mitológicas e literárias que são utilizadas pelo pensador na *Fenomenologia do Espírito*, como por exemplo os mitos Don Juan e Fausto. Escreve Beauvoir:

Do mesmo modo, em Hegel, na medida em que o espírito ainda não se cumpriu mas está em vias de se cumprir, é necessário, para contar adequadamente a sua aventura, conferir-lhe uma certa espessura carnal; na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel recorre a mitos literários tais como Don Juan e Fausto, pois o drama da consciência infeliz só encontra a sua verdade num mundo concreto e histórico (1965, p. 89-90).

Diante do exposto é possível dizer que a filósofa existencialista defende a arte literária como sendo uma forma de afirmar os fenômenos físicos e metafísicos através da sensibilidade. Conforme afirma a pesquisadora Karla Cristhina Soares Sousa (2021, p. 85): “Beauvoir qualifica o romance de metafísica, reafirmando a compreensão do que significa metafísica para o seu existencialismo. Como já vimos, ela assume a metafísica como uma atitude, e não como sistema exterior ao mundo”. Esta citação retoma a reflexão acerca da literatura metafísica proposta pela autora, de uma maneira capaz de evidenciar que o entendimento dela sobre as obras literárias da modernidade vão além da limitação da espessura carnal, isto é, se direcionam a um sentido possivelmente não apenas

existencial, como também extra-sensível. Nesse sentido, Beauvoir vai considerar que para Hegel conseguir expressar a sua aventura racional e ideal sobre o que concerne ao Espírito Absoluto, o filósofo alemão precisa usar a literatura como fundamentação da sua teoria idealista e fenomenológica.

Em outras palavras, Simone de Beauvoir evidencia o momento em que Hegel recorre à subjetividade e às figuras da literatura, como por exemplo às obras de Goethe, a fim de tentar explicar de modo objetivo o fenômeno do Espírito Absoluto, tendo em vista que a sensibilidade literária e subjetiva é capaz de se relacionar de forma profunda com a experiência existencial, palpável e perceptível objetivamente, de modo a criar uma correlação entre os fenômenos sensíveis e o absoluto, de forma dialógica. A respeito dessa reflexão, Pellejero expressa a seguinte análise: “A delicadeza do sensível literário se identifica nesses casos de forma tão íntima com a totalidade concreta do real que se torna teoria, como dizia Goethe; não sistema, mas visão, ao mesmo tempo singular e universal - isto é, lugar da consciência reflexiva” (2019, p. 151). Além disso, Beauvoir conceitua a importância da subjetividade no pensamento filosófico, dado que o caráter subjetivo abrange mais as possibilidades de descrição sobre o que concerne às experiências metafísicas de modo original, posto em uma linha temporal. Ainda sobre essa perspectiva literária e filosófica, subjetiva e objetiva, o pesquisador Teixeira considera que não há um claro rompimento entre a filosofia e a literatura nas obras da pensadora existencialista, mas que na verdade existe uma notória correspondência entre a escrita artística e o pensar conceitual, visto que ambos os aspectos estão fortemente presentes nas obras da filósofa existencialista. Tal como é possível evidenciar na passagem a seguir: “A separação entre literatura e filosofia não é clara nos romances de Beauvoir. Sua obra, avaliada em sua totalidade, é um amálgama composto por esses dois elementos” (2017, p. 2). Portanto, Simone escreve que o pensamento existencialista busca sempre conciliar o aspecto subjetivo com o aspecto objetivo, a dimensão sensível com

a dimensão inteligível, o caráter temporal com o caráter atemporal, a existência com a essência e assim por diante. Segundo Beauvoir:

Na verdade, são muito frequentes os leitores que se recusam a participar sinceramente na experiência em que o autor tenta envolvê-los: não lêem como exigem que se escreva, receiam correr riscos, aventurarem-se; antes mesmo de abrirem o livro, atribuem-lhe chaves e, em vez de se deixarem prender pela história, procuram sem cessar traduzi-la; matam esse mundo imaginário que deveriam vivificar e lamentam-se de que lhe tenham dado um cadáver (1965, p. 93-94).

15

Contudo, a autora vai escrever que é comum haver leitores que não aceitam fazer parte das experiências literárias e sensíveis, sobre as quais os escritores dos romances pretendem tornar os interlocutores parte da aventura que é ao mesmo tempo poética e reflexiva. Muitas vezes, os sujeitos que leem as obras romanescas possuem uma certa resistência em relação à apreciação espontânea da literatura e, por isso, durante o estudo tentam decifrar as figuras de linguagem que são identificadas pelos leitores sobre os quais buscam fazer uma leitura mais racional da produção textual. Assim, é possível dizer que o enredo perde o seu encanto e a sua fluidez imaginária, de tal modo que a filósofa considera como se fosse a morte do real sentido do texto sob o viés artístico.

O romance ocupa um espaço capaz de tornar a experiência filosófica ainda mais completa em face da verdade, bem como torna a aventura espiritual romanesca capaz de conferir à metafísica uma nova descoberta acerca da existência. Conforme evidencia-se na seguinte passagem: “Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico provoca uma descoberta da existência que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente” (BEAUVOIR, 1965, p. 94) Assim, a arte literária associada à metafísica, permite o acesso às dimensões desconhecidas do ser, de modo a converter o invisível em visível, na medida em que revela a sua singularidade. De acordo com Teixeira (2017, p. 2): “Se é verdade que filosofia e literatura são distintas uma da outra, os romances de Beauvoir nos servem como um claro exemplo de que é possível juntá-las sem perdas”. É perceptível que Beauvoir consegue unir o pensamento com a escrita literária de maneira harmônica e de modo praticamente indistinto, visto que a autora romanesca cria de certo modo

uma síntese entre o espírito poético e filosófico, ao expressar as suas reflexões e sensações inovadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, podemos dizer que, por um lado, Hegel critica os romancesos que pensam a arte como superior a filosofia, como também critica as produções artísticas de teor meramente subjetivo que pretendem satisfazer as paixões e necessidades humanas. Além disso, o filósofo idealista considera que, na Modernidade, a arte tornou-se uma coisa ultrapassada, através da qual não é capaz de atingir a consciência mais elevada sobre o que se refere ao conhecimento do Espírito absoluto. Por outro lado, Beauvoir defende a arte romanesca e as manifestações literárias e artísticas em geral, na medida em que também busca conciliar a razão com os sentimentos, as emoções e as ações humanas, de modo a evidenciar a importância tanto do aspecto sensível quanto do aspecto inteligível, bem como passa a considerar a subjetividade como um traço essencial da escrita romanesca e também como um atributo fundamental para o desenvolvimento de um pensamento inovador. Na visão da filósofa existencialista, o romance constitui um valor que não só se une a característica literária, como também se une à reflexão metafísica.

Ainda que em algum momento da história da humanidade, Friedrich Hegel considere a arte como importante no processo de busca por uma compreensão mais elevada, as produções artísticas continuam a ser consideradas pelo pensador como limitadas a determinadas particularidades que estão inseridas apenas no campo da sensibilidade. No entanto, Simone de Beauvoir evidencia que a teoria hegeliana quando está ao ponto de realizar o cumprimento da revelação do Espírito Absoluto, sente a necessidade de recorrer à realidade empírica para poder de fato manifestar de modo perceptível a aventura concernente à dimensão metafísica em si, para si e para o outro. Enquanto Hegel defende uma certa supremacia do espírito pensante na cultura moderna, de modo a elevar-se em direção a verdade totalizante do ser ou da revelação espiritual, Beauvoir defende a conciliação da reflexão com a sensibilidade, da inteligência com a ciência, da existência com a essência,

de forma a atribuir uma verdadeira liberdade de pensamento e de expressão, capaz de ir além de qualquer delimitação conceitual e objetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEAUVOIR, Simone de. *Literatura e metafísica*. In: *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Porto: Minotauro, 1965.

CANDA, Cilene Nascimento. *As finalidades da arte: a autonomia e a liberdade na estética hegeliana*. Griot : Revista de Filosofia, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 40-51, 2010. DOI: 10.31977/grirfi.v2i2.472. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/472>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CORREIA, Fábio Caires. *Breves notas sobre o conceito de estética em Hegel*. Teatro: criação e construção de conhecimento. V. 05, N. 1, 2017, p. 03-08. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/5695/13940>> Acesso em 05 ago. 2022.

FEITOSA, Charles. *O senso e o sensível na estética de Hegel*. Artefilosofia, Ouro Preto, n.2, p. 54-62, jan. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/772/728>> Acesso em: 05 ago. 2022.

FRANÇA, Lincoln Menezes da. *Estética e consciência infeliz na filosofia hegeliana*. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos. Ano 6. Nº 10. Junho, 2009. 109-121.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*. Vol. I. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Ed. USP. 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1996). *Curso de Estética: o belo na arte*. Trad. Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.

PELLEJERO, Eduardo Aníbal. *No seio do mundo - A literatura como lugar da consciência reflexiva*. MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras. ISSN: 0104-0944 [S.l.], n. 53, p. 144 - 154, dez. 2019. ISSN 0104-0944. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8237>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

TEIXEIRA, Pedro Rhavel. *Literatura e Metafísica na Filosofia de Simone de Beauvoir*. Sapere Aude, vol. 8, nº 16. 2017. pp. 508-521. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n16p508>>

SOUSA, Karla Cristhina Soares. *O romance metafísico: a escrita literária em Simone de Beauvoir*. Anãnsi: Revista de Filosofia, Salvador, vol.2, nº. 1, p. 78-88, 6 jun. 2021. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10806/7989>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SOUZA, Raul Salomão; SANTOS, Robinson dos. *Hegel e o fim da arte*. Revista Seminário de História da Arte. ISSN: 2237-1923. VOLUME 01, N° 07, 2018.

REZENDE, Claudinei Cássio de. *O Momento Hegeliano da Estética: a auto-superação da arte*. Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, v. 1, n. 01 (2009). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4289>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

ZANARDINI, Darice (2010). *O Belo Artístico em Hegel*. In: UTZ, Konrad; SOARES, Marly Carvalho (Orgs.). *A noiva do espírito: natureza em Hegel* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 526-541.